

# cultural



REVISTA DA  
**APM**

Este caderno é parte integrante da Revista da APM – Coordenação: Guido Arturo Palomba – Julho 2009 – Nº 204

## Inusitada sentença

*Aconteceu em Minas Gerais (Carmo da Cachoeira)*

O juiz Ronaldo Tovani, 31 anos, substituto da comarca de Varginha, ex-promotor de Justiça, concedeu liberdade provisória a um sujeito preso em flagrante por ter furtado duas galinhas e ter perguntado ao delegado:

— *Desde quando furto é crime neste Brasil de bandidos?*

O magistrado lavrou, então, sua sentença em versos:

No dia cinco de outubro  
Do ano ainda fluente  
Em Carmo da Cachoeira  
Terra de boa gente  
Ocorreu um fato inédito  
Que me deixou descontente.

O jovem Alceu da Costa,  
Conhecido por “Rolinha”,  
Aproveitando a madrugada  
Resolveu sair da linha,  
Subtraindo de outrem  
Duas saborosas galinhas.  
Apanhando um saco plástico,  
Que ali mesmo encontrou,  
O agente muito esperto  
Escondeu o que furtou,  
Deixando o local do crime  
Da maneira como entrou.

O senhor Gabriel Osório,  
Homem de muito tato,  
Notando que havia sido  
A vítima do grave ato,  
Procurou a autoridade  
Para relatar-lhe o fato.

Ante a notícia do crime  
A polícia diligente  
Tomou as dores de Osório  
E formou seu contingente  
Um cabo e dois soldados  
E quem sabe até um tenente.

Assim é que o aparato  
Da Polícia Militar,  
Atendendo a ordem expressa  
Do delegado titular  
Não pensou em outra coisa  
Senão em capturar.

E depois de algum trabalho  
O larápio foi encontrado  
Num bar foi capturado.  
Não esboçou reação  
Sendo conduzido, então,  
À frente do delegado.





Disponível em: <blogs.odiamaringa.com.br/edsonlima/?s=salsicha>.

Perguntado pelo furto  
Que havia cometido,  
Respondeu Alceu da Costa  
Bastante extrovertido  
Desde quando furto é crime  
Neste Brasil de bandidos?

Ante tão forte argumento  
Calou-se o delegado,  
Mas por dever do seu cargo  
O flagrante foi lavrado,  
Recolhendo à cadeia  
Aquele pobre coitado.

E, hoje, passado um mês  
De ocorrida a prisão  
Chega-me às mãos o inquérito  
Que me parte o coração.  
Solto ou deixo preso  
Esse mísero ladrão?

Soltá-lo é decisão  
Que a nossa lei refuta,  
Pois todos sabem que a lei  
É pra pobre, preto e puta...  
Por isso peço a Deus  
Que norteie minha conduta.

É muito justa a lição  
Do pai destas Alterosas.

Não deve ficar na prisão  
Quem furtou duas penosas,  
Se lá também não estão presos  
Pessoas bem mais charmosas.

Afinal não é tão grave  
Aquilo que Alceu fez,  
Pois nunca foi do governo  
Nem sequestrou o Martinez  
E muito menos do gás  
Participou alguma vez.

Desta forma é que concedo  
A esse homem da simplória  
Com base no CPP  
Liberdade provisória  
Para que volte para casa  
E passe a viver na glória.

Se virar homem honesto  
E sair dessa sua trilha,  
Permaneça em Cachoeira  
Ao lado de sua família,  
Devendo, se ao contrário,  
Mudar-se para Brasília!!!

Sentença inusitada de um juiz, poeta e realista.

**Cedido por Helio Barroso Reis**  
*Diretor Cultural da Associação Médica Brasileira*

# Uma Hora na Eternidade

## de Edgar Allan Poe

György Miklós Böhm

Homenagem ao bicentenário do nascimento do poeta de György Miklós Böhm

O sol se escondia como um imenso caranguejo fervido, e eu estava a sonhar de olhos abertos, ansiosamente esperando os pesadelos noturnos, quando surgiu na penumbra uma pequena figura espectral. Custou-me algum tempo para perceber que a figura não fazia parte das minhas fantasias, mas, sim, da realidade. À medida que se aproximava, pareceu-me cada vez mais familiar. Por instantes, sua sombra solene e alongada projetada contra uma nuvem branca distraiu-me, depois o encarei: um quimono escuro equilibrado sobre altos tamancos tradicionais e coroadado por leonina cabeleira alva, sem dúvida era Kawabata. Um pouco à direita encontrava-se Florbela, absorta e alheia à minha presença. Recolhi-me em um cúmulo minúsculo e plúmbeo.

— Bem-vindo mestre Yasunari Kawabata! — exclamou com sincera alegria a poetisa.

Uma mesura delicada saudou Florbela Espanca.

— Senhor, permite uma pergunta? — sem aguardar resposta alguma, como é costume entre as mulheres, a portuguesa disparou:

— Poderia me explicar por que é que se suicidou? Afinal, ninguém de nós esperava isso depois do seu discurso de aceitação do Prêmio Nobel. O senhor declarou que não tinha tendências suicidas e, dois anos depois, mata-se sem deixar um bilhete sequer! Desculpe a franqueza, a mensagem derradeira faz parte da ética do suicídio. Eu estourei os miolos aos 35 dentro da melhor lisura. No entanto, o senhor, com 72 anos, e após afirmar que não cometeria esse desatino?

— Não cometi suicídio — respondeu suavemente o japonês.

— Como? Não cometeu? Foi assassinato?

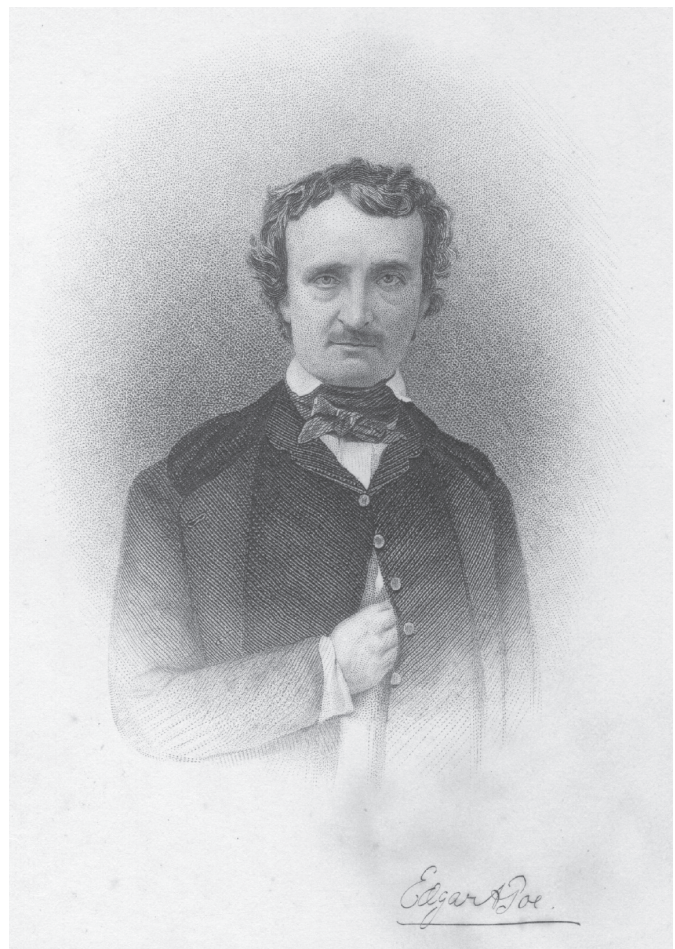
— Não houve violência.

Sufoquei uma risada no meu pequeno ataúde. Sutilezas orientais: Akutagawa tomou cianureto na cama, Mishima rasgou o ventre, ele meteu a cabeça no forno. Não houve autocídio nem violência, somente acidentes triviais...

— Ai, desculpe-me — Florbela deu um beijo comovido na testa do velho — É o impulsivo sangue lusitano. E, hoje, estou particularmente tensa. Perdoe-me. O suicídio sempre me perturba, não encontrei paz nem no meu. E são tantos de nós que seguem esse caminho.

— Não há um caminho, há muitos.

Virei-me um pouco e encarei o infinito. Ocidente e Oriente, Portugal e Japão. O universo católico que carimba o suicida com pecado mortal. Nega-lhe o enterro em terra santa. Raiz profunda que penetra até a medula, só arrancável pelo amor ou loucura. Werther mata-se pela mulher amada, as heroínas das óperas suicidam-se por amor, adolescentes



fazem juras de morte, poetas... poetas, não. Nós fazemos o Amor suicidar nossas criaturas, porém aquilo que nos mata é o peso da loucura mesmo. É a esquizofrenia que nos bate na porta. Sá-Carneiro, Florbela, Virgínia Woolf, Fernando Pessoa... Pessoa não, ele morreu de cirrose. E por que não? Em vez de uma bala rápida, preferiu afogar-se no álcool. Como eu. Somos suicidas tímidos como tantos outros. No Japão xintó-budista é diferente, o autocídio não é manchado com o pecado, não lhe embutiram a escadaria ao inferno. Lá é uma manifestação de suprema elegância, gesto de dignidade preservada, uma liturgia estética elaborada, a decisão gloriosa que coroa a vida — e Florbela não entende isso.

— Muitos caminhos; entendo, mas não se trata de compreender. Falei com Akutagawa e ele me disse que não aguentava mais as vozes internas. O pobre tinha alucinações como a Virgínia. E isso os torna iguais? Um termo técnico que aplaina tudo? Bobagem! Não pode haver duas pessoas mais diferentes do que Ryunosuke Akutagawa e Virgínia Woolf. Até no ato final: Ryunosuke deita-se ao lado da mulher, toma veneno como se fora remédio e boa noite; Virgínia foge de casa e reencena a Ofélia de Shakespeare, afogando-se nas águas mansas de um riacho. Isso, senhor Kawabata, não é para compreender, não. É para sentir.

— Hai.

— Somos sensíveis, muito sensíveis. Eis a nossa glória e desgraça, a força que cria e destrói.

— Hai.

— Já conversei com Mishima. Ele não tinha alucinações, apenas fez questão de morrer antes que seu corpo decaísse. Seguiu uma estética que parece ser aceita no seu país: a beleza da morte que chega na flor da idade. Jovens kamikazes a morrer sorrindo! Mas há uma profunda distorção aí, senhor Kawabata! Sinto tanto ou mais desvarios nesses casos do que naqueles diagnosticados pelos psiquiatras. O que é que separa as loucuras de Akutagawa e Mishima, hein? Diga-me!

Um vento gelado assoviou na minha orelha. Devo reconhecer que a poetisa das mil bocas jamais beijadas tem bem mais a dizer do que esperava.

O escritor de Kyoto pegou a mão da portuguesa e sentaram-se em um cirro.

— A religião católica separa o mártir do suicida, pois um parece desejar que algo comece, enquanto o outro, que termine. Diferença grande ou pequena, dependendo da perspectiva do analista. São Sebastião e Yukio Mishima podem ser calotas da mesma esfera.

A constelação de Escorpião espreguiçava-se no horizonte. Lembrei-me da foto de Mishima pousando como São Sebastião. Quintessência do ridículo! Mas o que distingue a

morte dos dois? Um preferiu as flechas a negar sua fé, e o outro fez haraquiri obedecendo à voz de sua cultura. Quem foi o mais consciente? Tanto os mártires cristãos como os kamikazes morreram por um ideal. Quais serão as fronteiras entre crenças culturais e religiosas? A ironia da poetisa cortou minhas reflexões.

— Ah, sim! O próprio Jesus pode ser suicida seguindo sua linha de pensamento. — Florbela aflagava um gato preto que surgiu do nada da noite e ronronava no seu colo. — Porém, é uma linha torturada, senhor Kawabata. Um abismo separa Cristo dos suicidas mesmo considerando que aquele o tivesse cometido. E, por isso, São Sebastião de Mishima. Cada caso, cada situação... — ela ficou pensativa por uns segundos. — Os caminhos são diversos, não foi isso que falou?

— Hai.

— E o senhor não cometeu suicídio?

— Não.

Absorta em suas reflexões, nem percebeu que o gato pulou de seu colo e sumiu na escuridão. Finalmente quebrou o silêncio. Tive que espichar as orelhas para escutar sua voz, que, agora, me soava mansa.

— O senhor tinha alguma coisa mais a escrever?

Kawabata virou-se para Florbela e sacudiu a cabeça. Ela deu-lhe um beijo. Levantaram-se e foram andando.

A dança dos suicidas pode ter o mesmo ritmo; entretanto, cada qual tem expressão corporal própria e a roda dos fantasmas criados pela educação. Para uns é alçapão às chamas eternas, e, a outros, o portal da liberação. Os grilhões das crenças; aí está o ponto crucial! As semelhanças e diferenças são tão consistentes quanto os meus humores. Kawabata nada mais tinha a dizer e colocou um ponto-final na sua vida, como um infarto o teria feito. Ele gozava da liberdade que o cristianismo subtrai e só tinha que vencer o instinto de conservação. Abreviou o inevitável. Para ele, não foi suicídio; talvez, eutanásia. Arthur Koestler teve idêntica atitude e, provavelmente, Hemingway também...

Estava nessas filosofias quando ouvi meu nome. Pus a cabeça para fora do cúmulo e alguém me deu uma folha. Dei uma olhada; mais uma inspiração do Corvo! Não aguento mais! O papel caiu dos meus dedos como folha morta.

Augusto dos Anjos, afundado em depressão na ponta de uma estrela, pegou-a por acaso e leu:

Estreito o canal do nascimento,  
Incerta a passagem pela infância,  
Difícil superar a adolescência  
Em treva a estrada da vida...

Amor, deixe-me ver teus traços,  
 Afagar teus cabelos, sentir teus laços;  
 Cega meus olhos,  
 Tapa meus ouvidos,  
 Sela meus lábios,  
 Descubra teus seios,  
 Anestesia meus receios;  
 Carnívoro cálice que conservas,  
 Esgote-me em tuas reservas!

Responde a voz da proibição: “Não posso, não.”

Arte, desamarre a imaginação,  
 Faça ouvir o surdo,  
 Destrave a língua do mudo,  
 Cure a paralítica mão;  
 Crisálida presa, desesperada  
 Ansiando por libertação,  
 A humanidade está arrebanhada  
 Em meu campo de concentração!

Chega o único eco à minha aflição: “Não posso, não.”

Trabalho, afogue-me na atividade;  
 Que música seja ruído,  
 Ritmo, o latejar da cidade,  
 Chaminés, as flores,  
 Cinza, todas as cores!  
 Aviões zumbindo,  
 Gotas-d’água caindo  
 No fedorento ar  
 Lâmpadas a bruxulear!  
 Tudo, tudo aceito  
 Só a paz eu quero!

Ressoa terrível um trovão: “Não posso, não!”

Morte, ceife-me a vida!  
 Vim sem escolha,  
 Entrei inocente no mundo,  
 Voluntário deixo tudo,  
 Culpado se quiserem!  
 A Natureza que me acolha,  
 Quero que me enterrem!  
 Dê-me o vácuo eterno  
 Das galáxias que se afastam  
 Ou o *nunc et semper*  
 Daqueles que acreditam!

Assolado, grave resposta ouço: “Não, não posso!”

**György Miklós Böhm**

*Professor Emérito da Faculdade de Medicina da USP*

## Informações Culturais

1 – Neste ano de 2009 comemora-se o centenário de nascimento de José Antonio da Silva, maior pintor primitivista brasileiro. Nasceu em 1909, no interior paulista (Sales de Oliveira), viveu na roça, longe dos grandes centros urbanos, sendo descoberto por Theon Spanudis e Pietro Maria Bardi nos anos 1940. A APM fará, no final do ano, uma exposição com suas obras, que serão emprestadas por colecionadores.

2 – Neste ano comemoram-se, também, os cento e vinte anos do nascimento de Jacob Moreno (1889-1974), fundador do psicodrama e grande estudioso das propriedades e dinâmicas psicológicas de grupo.

3 – Estão abertas as inscrições para membros titulares da Academia de Medicina de São Paulo, cadeira n. 11, vaga com a morte de Sebastião de Almeida Prado Sampaio (patrono Arnaldo Vieira de Carvalho), e cadeira n. 9, vaga com a morte de Celso Carlos de Campos Guerra (patrono Marcelo Pio da Silva). As inscrições poderão ser feitas de segunda a sexta-feira, das 12h às 18h, na sede da Academia, Av. Brigadeiro Luís Antônio, 278, 6º andar, até o dia 31 de julho.

**G.A.P.**

# Persistindo os médicos, os sintomas deverão ser consultados

Percy Arantes Salviano

Após terminar residência médica em pediatria, fui contratado para trabalhar no Território Federal do Amapá — hoje Estado —, região brasileira situada ao norte da linha do Equador, onde a água escoava pelo ralo da pia no sentido anti-horário. Quem pensou que saindo de São Paulo para trabalhar em região tão longínqua, acima da Ilha de Marajó e do braço norte do Rio Amazonas, encontraria somente índios e nativos ribeirinhos enganou-se redondamente.

Havia nesse local duas vilas, verdadeiras minicidades designadas Vila Amazonas, ao lado de um porto fluvial, e Serra do Navio, na qual se situava uma mina de manganês. Entre as duas, uma estrada de ferro com cerca de 200 quilômetros, construída pela empresa ICOMI (Indústria e Comércio de Minérios) para transportar o minério e os passageiros. Essas duas minicidades dispunham de serviços básicos de alta qualidade: residências confortáveis, ruas limpas e asfaltadas, praças de esporte, centros comunitários com restaurante e área de lazer, saneamento básico, escolas com bons cursos de nível médio e fundamental, cinema, supermercado, entre outros.

Em cada vila existia um serviço de saúde idealizado e dirigido pelo Prof. Dr. Paulo César de Azevedo Antunes, titular de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Serviço bem estruturado no qual trabalhavam médicos, sanitaristas e enfermeiros, além de técnicos e administradores, selecionados em várias regiões do País, principalmente São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Na Serra do Navio havia um serviço mais completo, com maior capacidade hospitalar, mas em cada uma das vilas existia atendimento de pronto-socorro, ambulatório, enfermagem, maternidade e centro cirúrgico. Nos quatro anos em que trabalhei em Vila Amazonas havia quatro profissionais médicos, um pediatra, um clínico/obstetra, um cirurgião e um anestesista. Todos atendiam diariamente o ambulatório médico, sem nenhuma distinção de especialidade.

No meu primeiro mês de trabalho, atendi uma paciente jovem que já estivera várias vezes em consulta no ambulatório, com queixa de edema dos membros inferiores. Lendo rapidamente os relatórios médicos anteriores, verifiquei que foram levantadas várias hipóteses diagnósticas, como insuficiência cardíaca, insuficiência renal, hipoproteïnemia e outras. O número de exames solicitados era elevado, eletrocardiogramas, exames de urina, de sangue etc. As tentativas de tratamento também foram várias — com o uso de diuréticos, restrição de sal e meias elásticas, mas não se chegou a nenhuma conclusão.

Achei o caso estranho, sobretudo por ocorrer em paciente jovem, e procedi ao exame físico habitual. Ao examinar o abdome, percebi que ele estava exageradamente aumentado, como ocorre em casos de gravidez avançada. Então, perguntei:

— Escuta, moça, você não está grávida?

— Estou, sim, senhor — respondeu.

— Mas por que você não falou isso ao médico em consultas anteriores?

— Porque ninguém me perguntou, doutor!

Esse fato ocorreu há muito tempo, há várias décadas. Hoje a ICOMI não atua mais na região, o manganês acabou — pelo menos do modo como era explorado, a céu aberto — e as estradas, ruas, casas, hospitais e outras dependências da vila foram entregues ao governo. Não faço ideia de como está hoje a vila e o hospital. Ouvi falar que a população da vila e adjacências cresceu muito e transformou-se em verdadeira cidade. Contudo, a lição que aprendi e guardo até agora é que “persistindo os médicos, os sintomas (e sinais) deverão ser consultados”.

Percy Arantes Salviano  
Médico Pediatra

## Analogias em Medicina (n. 25)

*Pés em mata-borrão ou em cadeira de balanço* — Atualmente em desuso, embora de muita serventia no passado, o mata-borrão ou papel-chupão é papel não encolado que serve para absorver tinta ou qualquer outro líquido. O seu berço ou buvar é peça de madeira, metal etc. à qual é preso para mais fácil manuseio, tendo uma base de superfície convexa.

Cadeira de balanço ou de embalo é cadeira geralmente de braços, apoiada em armação curva no lugar dos pés, e que se faz oscilar ou balançar com apenas um leve movimento do corpo. É muito apreciada por certas pessoas que se sentem mais confortáveis e desestressadas com o suave e silencioso embalo.

O pé em mata-borrão ou em cadeira de balanço refere-se à malformação congênita presente na síndrome de Edwards (trissomia do cromossomo 18). Entre outras anomalias, como malformações cardíacas, há sindactilia e pés achatados, com discreta convexidade plantar e calcanhar proeminente, evocando o aspecto de uma cadeira de balanço (Ingl. *rock-bottom feet*) ou do velho mata-borrão (Esp. *pies em patas de*

*macedora*; Ingl. *blottingpaper feet*). A incidência da síndrome de Edwards em nativos é de cerca de 1 em 7.500 nascimentos, e 80% dos afetados são do sexo feminino. Contudo, é muito maior na concepção, quando 95% dos conceptos são abortados espontaneamente. Como na maioria das trissomias, a idade materna é fator relevante. O risco de ter uma criança com trissomia é substancialmente maior para mulheres com mais de 35 anos (bas. em parte em Thompson & Thompson, *Genética Médica/colaboração do biólogo Erlisson Pires Marques*). O mesmo quadro acima descrito pode ocorrer na síndrome de Patau (trissomia do cromossomo 13). Há ainda a chamada *hemorragia em mata-borrão* na retina de pacientes que sofrem de hipertensão arterial maligna.

**José de Souza Andrade Filho**

*Professor de Anatomia Patológica da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais*

## Caderno de anotações

### *A Menina*

“Mamãe, eu posso levar a cachorrinha para andar em volta do quarteirão?” Mamãe respondeu: “Não, porque ela está no cio”. “O que é isso?” — perguntou a menininha. “Vá perguntar a seu pai, ele está na garagem.” A garotinha foi até a garagem e disse: “*Paizinho*, eu posso levar a *LulaBelle* para dar uma volta no quarteirão? Eu pedi à mamãe, mas ela disse que a cachorrinha está no cio, então eu vim falar com você”. Papai disse: “Traga a *LulaBelle* aqui”. Ele pegou uma estopa, embebeu-a de gasolina e esfregou nas costas da cachorrinha a fim de disfarçar o cheiro, dizendo: “Tudo bem, pode ir, mas mantenha *LulaBelle* na coleira e só dê uma volta em torno do quarteirão”. A garotinha saiu e voltou poucos minutos depois sem a cachorrinha na coleira. Surpreso, Papai perguntou: “Onde está a *LulaBelle*?”. A garotinha disse: “Acabou a gasolina dela na metade do quarteirão, por isso outro cachorro a está empurrando até nossa casa”.

### *A Lua*

Em um determinado período da minha vida profissional, eu trabalhava em casa que tinha dois andares. Certa vez, ouvi minha filha de seis anos brincando e cantando sozinha na sala de baixo. Sentindo-me culpado por não lhe fazer companhia, desci e falei para ela que outro dia lhe daria mais atenção. Ela, de maneira desconcertante, falou: “Não tem problema papai, só de saber que você está lá em cima eu fico feliz”. Fiquei pensando em sua “sabedoria” e relacionei-a com um pensamento: nós não precisamos ver a lua a todo o momento. Saber que ela está lá sempre, nas suas diversas formas, nos conforta. Não seria nada agradável saber que um dia ela não mais estaria no céu, pronta para lançar sua diáfana luz sobre a noite.

**José Carlos Barbuio**

*Advogado e Escritor*

# Compaixão

Ivan de Melo Araújo

Cigarros Beverly  
Prótese  
Lenço de ramagens

Amenorreia

Lumbago  
Varizes  
Míase

Carretéis  
Alpercatas  
Pernambucanas

Mufumbo  
Losna  
Úlcera

Estupor  
Halitose  
Bócio

Cãibras  
Artrose  
Pentecostes

Madrugadas  
Ônibus  
Sovacos

Caixote  
Frangos  
Pitangas

Chapéu  
Barba  
Solidão

Iodeto de potássio

# Cambuci

Henrique Walter Pinotti

Minha morada de outrora,  
das chaminés  
no meio da garoa,  
do apito estridente  
mexendo com a gente.

Ali havia vida,  
criança na rua,  
movimento,  
lição,  
diversão,  
amizade,  
sinceridade.

Ali entendi e sonhei a vida.  
Ali dei meus primeiros passos,  
aprendi a andar na vida.  
Atravessei a vida  
do Cambuci de outrora.

Até agora...

## DEPARTAMENTO CULTURAL

**Diretor:** Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

**Conselho Cultural:** Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] e Luiz Celso Mattosinho França

**Cinemateca:** Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

**Museu de História da Medicina:** Jorge Michalany

*O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.*